

**Universidade de Brasília - UnB
Faculdade de Comunicação**

**RASCUNHO
ANÁLISE ESTRUTURAL DE UM JORNAL SOBRE
LITERATURA**

Alexandre de Paula Souza e Silva

**Brasília, DF
2014**

ALEXANDRE DE PAULA SOUZA E SILVA

**RASCUNHO
ANÁLISE ESTRUTURAL DE UM SOBRE LITERATURA**

Monografia submetida ao curso de graduação em Comunicação Social (Jornalismo) da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Assis Paniago

**Brasília, DF
2014**

RASCUNHO — ESTUDO DE CASO DE UM JORNAL SOBRE LITERATURA

ALEXANDRE DE PAULA SOUZA E SILVA

Monografia submetida ao curso de graduação em Comunicação Social (Jornalismo) da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Professor (Doutor): Paulo Roberto Assis Paniago, UnB
Orientador

Professor (Doutor): Sérgio Araújo de Sá, UnB
Membro Convidado

Professora (Doutora): Liziane Soares Guazina, UnB
Membro Convidado

Professor (Doutor): Luiz Martins da Silva, UnB
Suplente

Brasília, DF

2014

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Aos meus professores, porque mudaram minha maneira de pensar e de entender o mundo muito além dos conteúdos que ensinavam.

Ao meu orientador, Paulo Paniago, por ter aceitado ajudar a construir este trabalho e pelos direcionamentos na tarefa difícil de torná-lo real.

Aos meus pais, pela vida e, sobretudo, pelo apoio. Sempre. Não há como retribuir o que fizeram e fazem por mim.

A Maria Clara, pela compreensão.

A Diana Freitas, que me deu olhos menos afoitos para suportar a vida.

A todos meus colegas, que fizeram valer a pena a vida em Brasília e que me ajudaram a permanecer aqui.

Aos meus avós, porque me emociona saber que se orgulham, mesmo que sem motivos ou méritos, de eu estar aqui.

A minha família, a de sangue e a que não precisou disso para estar comigo.

A Universidade de Brasília, porque não havia lugar melhor para eu ter passado estes quatro anos.

A literatura é a maneira mais agradável de ignorar a vida.
(Bernardo Soares/Fernando Pessoa)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o jornal paranaense *Rascunho*. Publicado desde 2000, o periódico é uma publicação voltada exclusivamente à discussão de temas e obras literárias. Esta monografia é um estudo de caso que busca compreender quais as principais características do *Rascunho* e de que maneira ele se apresenta no meio literário brasileiro. Para isso, fez-se aqui análise de cinco edições do jornal, todas do mês de junho, entre 2009 e 2013. A partir delas, o trabalho constrói uma reflexão acerca do *Rascunho* e do jornalismo sobre literatura produzido na publicação paranaense.

Palavras-chave: Jornalismo; Literatura; Rascunho; Jornalismo sobre literatura.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar el periódico *Rascunho*, de la provincia brasileña Paraná. Publicado desde 2000, el periódico es una publicación dedicada exclusivamente a la discusión de temas y obras literarias. Este trabajo es un estudio de caso que busca comprender cuáles son las principales características del *Rascunho* y la forma en que se presenta en el medio literario brasileño. Para eso, se ha hecho aquí un análisis de las cinco ediciones del periódico, todas del mes de junio, entre 2009 y 2013. Sobre la base de estos, el estudio construye una reflexión acerca del *Rascunho* y del periodismo sobre literatura producida en él.

Palabras clave: Periodismo. Literatura. Rascunho. Periodismo sobre literatura.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Colunistas da edição 110

Tabela 2. Colunistas da edição 122

Tabela 3. Colunistas da edição 134

Tabela 4. Colunistas da edição 146

Tabela 5. Colunistas da edição 158

Tabela 6. Autores e livros da edição 110

Tabela 7. Autores e livros da edição 122

Tabela 8. Autores e livros da edição 134

Tabela 9. Autores e livros da edição 146

Tabela 10. Autores e livros da edição 158

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
REFERENCIAL TEÓRICO	14
Jornalismo e Literatura.....	14
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	16
1. O RASCUNHO	18
1.1. Um pouco da história	18
1.2. Estrutura.....	22
1.2.1. Estrutura geral.....	22
1.2.2. Edição 110 — Junho 2009	25
1.2.3. Edição 122 — Junho 2010	27
1.2.4. Edição 134 — Junho de 2011	29
1.2.5. Edição 146 — Junho de 2012	31
1.2.6. Edição 158 — Junho de 2013	33
2. AUTORES E OUTRAS CARACTERÍSTICAS	35
2.1. Sobre alguns colunistas	35
2.1.1. Rodapé — Rinaldo de Fernandes	37
2.1.2. Translato — Eduardo Ferreira	39
2.1.3. Ruído Branco — Luiz Brás	41
2.1.4. Quase-diário — Affonso Romano de Sant'Anna	43
2.2. Autores.....	45
2.2.1. Edição 110 — Junho de 2009	46
2.2.1. Edição 122 — Junho de 2010	48
2.2.1. Edição 134 — Junho de 2011	50
2.2.1. Edição 146 — Junho de 2012	52
2.2.1. Edição 158 — Junho de 2013	54
3. ANÁLISE	56
3.1. Panorama.....	57
3.1.1. Rio de Janeiro e São Paulo.....	57
3.1.2. Romance.....	59
3.2. Especificidades	60
3.2.1. Clareza, profundidade, tempo, espaço.....	60
3.2.2. Polêmicas.....	62
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66
ANEXOS	67

APRESENTAÇÃO

Desde antes de ingressar na universidade, a literatura sempre foi um dos assuntos em que mais tive interesse e, sem dúvida, o que mais me inquietou a refletir criticamente sobre a realidade a que pertencço. A possibilidade de aliar literatura com jornalismo foi um dos motivos pelos quais me decidi estudar a área e é, sem dúvida, uma das razões pelas quais me mantive na universidade.

A pesquisa proposta, portanto, nasce da vontade de entender como o jornalismo cobre literatura e assuntos literários, com o desejo também de compreender de que maneira o jornalismo pode analisar aspectos e produção literária. Desse modo, busco também vislumbrar algumas características da literatura produzida no Brasil hoje e de que forma ela está representada pelo jornalismo. Como uma análise de âmbito geral acerca do jornalismo sobre literatura no país demandaria mais tempo e dedicação do que é disponível para a conclusão deste trabalho, optei por tratar especificamente do jornal literário paranaense *Rascunho*, por meio de estudo de caso.

Nos últimos anos, o jornalismo produzido pelos grandes veículos passa por dificuldades. Suplementos e veículos de destaque deixaram de existir ou perderam espaço na grande mídia. Ambos tirados de circulação em 2013, o caderno *Sabático*, lançado em 13 de março de 2010 pelo *Estado de São Paulo*, e a revista *Bravo!*, criada em 1997 pela editora Abril, são exemplos de veículos que deixaram de existir. Nos dois casos, a reestruturação foi a justificativa dada pelo jornal e pela editora para o fechamento das publicações. Escritor e jornalista, Daniel Piza no livro *Jornalismo cultural* (2011, p.7) afirmava que o jornalismo cultural brasileiro está em queda. Além de perder espaço e ser encarado como uma área menos relevante, a ousadia e o conteúdo de outros tempos, segundo o autor, não está mais presente nas publicações atuais:

Não há nada de nostalgia ou negativismo em observar que o jornalismo cultural brasileiro já não é como antes. Pequeno panorama histórico é suficiente para mostrar que grandes publicações e autores do passado têm hoje poucos equivalentes; mais que uma perda de espaço, trata-se de uma perda de

consistência e ousadia e, como causa e efeito, uma perda de influência. (Piza, 2011. p.7)

É possível imaginar que o fechamento de alguns suplementos e publicações e que a perda de público de algumas delas esteja relacionada a essas questões. Assim, torna-se mais distante do leitor que, em tempos digitais, não precisa do jornal para se agendar culturalmente, por exemplo. Sem oferecer conteúdo mais aprofundado, o jornalismo impresso, não só cultural, perde espaço.

No entanto, ao passo que parece haver possibilidade de crise nos grandes veículos, algumas publicações voltadas exclusivamente para o jornalismo cultural e literário surgem ou ganham força. O próprio *Rascunho*, o jornal *Cândido* e o *Suplemento Pernambuco* são exemplos desse movimento de especialização.

Diante disso, é importante compreender como esses veículos se organizam, estruturam-se e qual o modo de tratar a literatura empregado por eles. É para abarcar parte desse universo que a pesquisa analisa o *Rascunho*. Além disso, outra motivação para realizar o trabalho foi não ter encontrado outras pesquisas que tenham o *Rascunho* como objeto. Existem também poucos trabalhos voltados para o jornalismo sobre literatura e isso torna, ao meu ver, ainda mais relevante tentar compreender essas questões.

Do ponto vista cultural, o *Rascunho* e o jornalismo sobre literatura, em geral, podem ter o papel de amplificar as análises e o acesso a novos livros, novos autores e a expandir a possibilidade de entendimento da área. Veículos com essas características tendem a poder refletir com mais espaço e força questões importantes relacionadas à literatura e arte do que publicações que não são dedicadas exclusivamente ao tema. De modo geral, muitas vezes essa reflexão extrapola apenas o espaço literário e volta o olhar para questões importantes da sociedade, uma vez que a obra literária tem o poder de internalizar e representar questões dessa ordem e suscitar também novas abordagens.

Do ponto de vista econômico, é importante compreender como uma iniciativa desse tipo se sustenta e as dificuldades que encontra, no Brasil, para se manter em atividade. Bem como refletir por quais motivos o *Rascunho* permanece firme enquanto outros suplementos e veículos destinados a pensar a literatura e a cultura de um modo geral estão em crise ou foram fechados.

O fato de um jornal manter-se exclusivamente pela cobertura de temas relacionados a literatura é instigante e faz com que a análise precise ser aprofundada. É importante compreender de que maneira uma publicação apenas literária pode manter-se em atividade e se isso reflete também um movimento de crescimento na própria produção literária brasileira.

Para este trabalho, foram analisadas cinco edições do *Rascunho* publicadas no mês de junho entre 2009 e 2013. A partir desse arcabouço analítico, o estudo de caso se desenvolveu em uma tentativa de compreender o jornal e seu papel no meio literário brasileiro contemporâneo.

REFERENCIAL CONTEXTUAL

Jornalismo e Literatura

Para Edivaldo Pereira Lima (2009, p.147), a relação controversa entre jornalismo e literatura acontece desde que ambos existem da forma como os conhecemos. Jornalismo e literatura se aproximam e se afastam a todo tempo e a "contaminação" de um pela linguagem do outro é comum quando se analisa historicamente. Ambos têm especificidades e características, mas já se tocam a começar pela natureza do discurso utilizado, pela utilização da linguagem escrita e da narrativa como suporte.

Vários profissionais fizeram e ainda fazem a ponte entre as duas áreas do conhecimento. É extensa a lista de escritores que também foram jornalistas, Machado de Assis é um exemplo notório. Esse é também um dos fatores que contribuem na aproximação das duas áreas. Tanto o jornalismo pode utilizar-se de recursos literários quanto a literatura pode buscar no jornalismo recursos para a construção de suas narrativas. Lima (2003) mostra a influência causada por escritores-jornalistas:

De um modo espontâneo, a literatura desses pioneiros acabou influenciando o jornalismo. A via mais direta de influência aconteceu através de escritores que praticaram também o jornalismo, numa primeira instância. Depois, numa fase mais avançada, outras gerações de jornalistas já encontraram precedentes dessa aproximação (Lima, 2003)

O chamado Jornalismo Literário, por exemplo, (que utiliza técnicas ficcionais na produção jornalística) mostra que esse contato pode ser efetivo e enriquecedor para as duas áreas. No entanto, no caso do *Rascunho*, o jornalismo praticado é *sobre* a literatura e não utilizando técnicas dela. Os recursos ficcionais no jornal só aparecem dentro dos próprios textos de ficção, por mais que a linguagem geral se distancie do padrão do jornalismo cotidiano.

As fronteiras entre jornalismo e literatura, por vezes, não são muitos fáceis de serem definidas. Mas alguns conceitos caros à produção jornalística ajudam na

diferenciação mais exata: clareza, objetividade, realidade. Embora, em muitos casos, esses elementos possam estar presentes também na produção literária.

Gustavo de Castro (2002, p.73) aponta para algumas das diferenças entre o fazer jornalístico e o literário:

O jornalismo traz quotidianamente o mundo para dentro do texto escrito. Põe no papel fatos, cenas, realizações, eventos os mais variados, num movimento em que extrai do mundo a matéria-prima necessária para retransformá-la em narração. Para o escritor, o movimento é inverso. O mundo exterior também é fundamental, mas não determinante como o é para o jornalista, já que o escritor pode buscar na sua própria subjetividade toda a sua literatura, fazer da memória a fonte de sua escritura, tornar eventos 'pouco jornalísticos' significativos do ponto de vista humano, e até mesmo fazer o jornalismo virar literatura, a exemplo do que fez Gabriel García Márquez. (CASTRO, 2002, p. 73).

As possibilidades de uso da subjetividade e da objetividade podem, logo, ser utilizadas com também um modo de diferenciar o jornalismo e a literatura. Em geral, o escritor tem mais liberdade para buscar no próprio mundo interior substrato para a sua produção, enquanto para o jornalista a realidade, o exterior é que são o mais importante.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a seleção mais específica do material a ser analisado, foram levados em conta edições do *Rascunho* publicadas nos últimos cinco anos. Foram utilizadas edições de junho de cada ano, por ser esse um mês central. De modo que se pudesse ter um recorte que permitisse analisar o jornal na perspectiva dessas cinco edições.

As edições dos últimos cinco anos, entre 2009 e 2013, estão disponíveis no site do periódico, o que facilita o acesso a exemplares publicados há mais tempo, levando-se em conta que alguns exemplares dos primórdios do *Rascunho* não estão mais disponíveis ou não são encontrados facilmente. Por esse motivo, escolheu-se analisar uma edição de cada um desses anos, pensando em um estudo que levasse em conta as características nessas cinco edições.

O método escolhido para a execução do trabalho é o estudo de caso. Bressan (2000) explica que o estudo de caso é um método qualitativo e que é adequado para responder às questões "como" e "por que":

De modo específico, este método é adequado para responder às questões "como" e "por que" que são questões explicativas e tratam de relações operacionais que ocorrem ao longo do tempo mais do que frequências ou incidências. (Bressan, 2000)

Nesse sentido, o estudo de caso se adequa, portanto, às questões problematizadas no trabalho. Como o *Rascunho* se estrutura e por que o jornal se diferencia em meio de outros periódicos, por exemplo, são questões que o estudo de caso ajuda a compreender. A abordagem proposta no trabalho se enquadra, então, nas possibilidades de utilização do estudo de caso defendidas por Bressan (2000).

McClintock (1983, p. 150 apud Bressan) explica quais são os objetivos do estudo de caso:

(1) capturar o esquema de referência e a definição da situação(...), (2) permitir um exame detalhado do processo e (3) esclarecer aqueles fatores particulares ao caso que podem levar a um maior entendimento da causalidade (McClintock, 1983, p. 150 apud Bressan)

Dentro dessa abordagem, acredita-se que o estudo de caso, aliado a análises descritivas, seja adequado para entender o modo, o esquema como se organiza o jornal *Rascunho* e para permitir o detalhamento dessa estrutura e suas características. Além disso, que possa contribuir para entender os aspectos particulares da publicação.

1. O RASCUNHO

1.1. Um pouco da história

Ao longo de 14 anos de publicação, o *Rascunho* passou por algumas mudanças importantes. Uma das mais representativas foi tornar-se independente em 2004. Quando criado em abril de 2000, o *Rascunho* era apenas um suplemento literário, de oito páginas, do *Jornal do Estado* em Curitiba. A partir de 2004, o jornal deixou de ter vínculos que provocassem relações de dependência com qualquer outro veículo.

Criado pelo jornalista e escritor Rogério Pereira — até hoje editor da publicação, o *Rascunho* cresceu com o passar do tempo tanto quando se pensa em termos de repercussão quanto no próprio tamanho da publicação e no número de colaboradores. Quando surgiu, a iniciativa era apenas um desejo de produzir algo que Pereira e outros colaboradores considerassem relevante para o jornalismo. A ideia inicial era apenas ser um suplemento da cidade de Curitiba, a capital paranaense não tinha nenhuma outra publicação do tipo.

Editor do *Rascunho*, Rogério Pereira¹ explica como o *Rascunho* começou:

Passei o ano de 1999 todo na Espanha fazendo uma pós-graduação em jornalismo. Ao voltar a Curitiba, fui trabalhar na assessoria de imprensa da prefeitura — o que era bastante chato e sem sentido. Aí, propus ao *Jornal do Estado*, um pequeno jornal da cidade, a publicação de uma coluna sobre livros toda segunda-feira. Era algo muito amador. Em seguida, sugeri a criação de um suplemento literário mensal. O jornal aceitou, eu reuni alguns amigos e começamos o *Rascunho*.

O projeto, no entanto, expandiu-se.

A repercussão e o sucesso inicial que a publicação alcançou fizeram com o que o conteúdo produzido pelo *Rascunho* não pudesse mais se restringir à cidade de Curitiba. *Rascunho* provocou algumas polêmicas por textos críticos publicados no jornal. Em um desses casos, por exemplo, uma resenha publicada sobre o livro *A regra secreta*, do poeta Sebastião Uchoa Leite, fez com que o jornal perdesse um dos colaboradores importantes. Fabrício Carpinejar, incomodado com as críticas feitas a Uchoa Leite, deixou de escrever para o periódico. “Sebastião Uchoa Leite

¹ Em entrevista, por email, ao autor desta monografia.

insiste em fazer poesia: PÁRA COM ISSO, SEBASTIÃO!”, dizia o texto da edição 35, em março de 2003. Por outro lado, ao mesmo tempo em que desagradava, é provável que polêmicas como essa tenham levado o *Rascunho* ao conhecimento de um público maior.

Em entrevista ao site *Orelha do Livro* (2010), o próprio Rogério Pereira afirmou acreditar na hipótese de que esse episódio tenha dado destaque ao jornal: “A partir de então, o *Rascunho* ganhou mais evidência em todo o país. Fizemos algo que considerei fundamental: abrimos amplo espaço para aqueles que não concordavam com o nosso texto”.

Quatorze anos depois do início, as polêmicas não são mais tão constantes no jornal, embora o *Rascunho* ainda publique textos de que, alguma forma, são provocativos e questionam opiniões dominantes. Na edição 156 de abril de 2013, por exemplo, o ensaio *Sobraram apenas os óculos e os bigodes*, escrito pelo crítico literário Marcos Pasche, criticava duramente toda obra do poeta curitibano Paulo Leminski: “*Toda poesia* de Paulo Leminski revela uma obra datada, vazia e repetitiva”. O autor do ensaio se referia ao livro *Toda Poesia*, reunião da obra poética de Leminski lançada pela Companhia das Letras e que se tornou fenômeno de vendas.

O texto gerou opiniões e respostas acaloradas. O escritor Domingos Pellegrini escreveu um texto em que defendia Leminski e questionava o tom da crítica feita pelo *Rascunho* a alguns escritores rememorando até o episódio com Sebastião Uchoa Leite. O texto de Pellegrini, publicado pelo jornal, dizia:

O texto Rascunho teve época nazista, com matérias que não se limitavam a comentar autores: queriam sua eliminação, como quando estampou em título garrafal: Sebastião Uchoa Leite insiste em fazer poesia: PÁRA COM ISSO, SEBASTIÃO! Rejeitado pela reação ética de muitos leitores, Rascunho passou a limpo essa fase, mas agora tem recaída (embora precavida porque rescaldado) com o ensaio sobre Leminski. A tentativa de “matar” Leminski tem a precaução de se armar com uma análise argumentativa e digna de Marcos Pasche, revestida porém por um tratamento editorial raivoso e despeitado. (PELLEGRINI, Domingos. A despeito de Leminski: Polaco oco ou Rascunho casmurro?, *Rascunho*, Curitiba, 2013)

Nota-se que houve mudanças também na estrutura. Das oito páginas publicadas no Jornal do Estado e distribuídas apenas em Curitiba e arredores, o *Rascunho* passou a ter, atualmente, 32 páginas e uma tiragem de cinco mil

exemplares mensais que são distribuídos (por assinaturas) para todo o país. Além disso, todo o conteúdo é disponibilizado virtualmente no site da publicação.

O reconhecimento e a expansão não representam, porém, uma realidade abastada. A redação do *Rascunho* é um escritório pequeno em que centenas de livros nas estantes dividem espaço com o ambiente de trabalho. Além de Rogério Pereira, há um subeditor, o cronista Luís Henrique Pellanda, e um repórter. Todo o resto do conteúdo do jornal é produzido por colaboradores que escrevem voluntariamente.

Até 2013, *Rascunho*, segundo Rogério Pereira, sobreviveu graças a recursos próprios: assinaturas, anunciantes e o próprio investimento de Pereira. Em 2014, por meio da Lei Rouanet, o jornal recebe patrocínio do Itaú Cultural. Para Pereira, o que, na verdade, mantém o periódico em atividade é o apoio dos colaboradores: “o que mantém o jornal vivo não é o dinheiro (ou falta dele), é o trabalho dos colaboradores (que não são remunerados)”.

Além de colaboradores fixos, como Affonso Romano de Sant’Anna, Luiz Brás e Fernando Monteiro, *Rascunho*, segundo Pereira, recebe quase todos os dias novas ofertas de colaboração. Para escrever no jornal, alguns critérios editoriais, o jornal não os divulga ao público, precisam ser seguidos à risca.

A cada edição, pautas são discutidas entre os colaboradores fixos e uma lista com livros é enviada aos outros colaboradores que escolhem dez livros que gostariam de resenhar. Depois disso, o editor define o livro de cada colaborador, as entrevistas, o tamanho dos textos, a publicação dos inéditos etc. Em alguns casos, *Rascunho* também solicita a colaboração de determinados autores.

É esse o processo para a publicação no jornal, a maioria dos textos que não seguem esses requisitos, que são enviados espontaneamente não são publicados. Segundo Pereira, acontece com frequência de alguma das pautas não serem executadas a tempo pelos colaboradores. No entanto, há no jornal um banco de textos que permite cobrir qualquer falta inesperada.

Quatorze anos depois da criação do *Rascunho*, parece haver um ambiente mais favorável para a produção literária no Brasil hoje, embora os índices de leitura no país ainda revelem a necessidade de incentivo à leitura. O aumento dos prêmios literários e de publicação de novos autores por grandes editoras apontam um contexto menos árido para a literatura nos últimos anos. A sobrevivência do *Rascunho* por tanto tempo — o jornal é a publicação literária em atividade há mais

tempo no Brasil — faz parte desse crescimento, mesmo que tímido, do meio literário brasileiro. Rogério Pereira afirma em entrevista ao Orelha do Livro em 2010 que:

Em dez anos, tudo sofre algum tipo de transformação. Na literatura brasileira, alguns fenômenos interessantes são evidentes. 1) A chegada de grandes grupos editoriais estrangeiros, como Alfaguara e Planeta, mostra que o mercado brasileiro ainda tem muito espaço para crescer. 2) Os novos autores ganharam oportunidade nas grandes casas editoriais. Hoje, é muito comum uma grande editora apostar em livros de estreia. Portanto, facilitou-se muito o surgimento de novas vozes. 3) Há uma quantidade imensa de festivais, bienais, encontros, feiras etc. em torno da literatura em todo o país. Há, com certeza, um ambiente mais favorável à literatura no Brasil. No entanto, não afirmo que há um ambiente ideal, mas é muito melhor do que era há dez anos, por exemplo. Uma prova disso é que o *Rascunho* consegue sobreviver, mesmo o Brasil não sendo ainda um país muito encantado pela literatura.

(SANCHEZ, Mariana. Os dez anos de *Rascunho*. Disponível em <http://www.orelhadolivro.com.br/2010/04/21/os-10-anos-de-rascunho/> Acesso em 10 de abril de 2014)

1.2. Estrutura

1.2.1. Estrutura geral

Atualmente, o *Rascunho* conta com 32 páginas divididas, em geral, entre resenhas, colunas, entrevistas, inéditos de ficção e poesia, crônicas e espaço para notícias e notas sobre lançamentos e assuntos literários. Durante as cinco edições analisadas para este trabalho — todas do mês de junho, entre 2009 e 2013 — é possível notar que aconteceram mudanças na estrutura do jornal. No entanto, também se pode observar que o núcleo da publicação se mantém em todas as edições. Boa parte dos colunistas permanece e as seções também, embora ocorram mudanças de lugar de cada texto ou alguma seção tenha sido adicionada.

Sem dúvida, há uma predominância de resenhas no *Rascunho*. A maior parte do jornal é dedicada à análise crítica de obras e autores. Em *Literatura nos Jornais — A crítica literária dos rodapés às resenhas*, a jornalista e professora de teoria literária Cláudia Nina (2007, p. 45 e 46) aponta que existe, embora não muito rígida, uma classificação para os tipos de resenha publicadas nos suplementos de literatura. Segundo a autora, as resenhas podem ser divididas em: resenhas-resumo, resenhas-ensaio e a resenha crítica.

Resenhas-resumo são aquelas escritas por assessores de imprensa, utilizadas somente como material divulgação. A função delas é informar dados sobre o autor, apresentar o livro e o conteúdo dele. Elas podem ser usadas como ponto inicial para a pesquisa do jornalista ou crítico que falará sobre o livro em um texto mais aprofundado.

Resenhas-ensaio usam o livro apenas como pretexto, segundo a autora, para uma reflexão mais demorada sobre o tema da obra. Nelas, portanto, o foco não está no lançamento, mas no assunto de que o livro trata. Por último, a autora define resenha crítica como aquela que se propõe a uma leitura profunda da própria obra. Cabe a ela, pois, transcender a leitura superficial e "cavar as outras camadas sobrepostas a fim de buscar uma interpretação inusitada, talvez um viés nem sequer pensado pelo autor". (NINA, 2007, p. 51)

Independente de qual tipo de resenha se faz, segundo Nina, é imprescindível saber pensar. A autora define uma boa resenha como um exercício de reflexão que une boa escolha de vocabulário a um estilo articulado. As resenhas publicadas no

Rascunho, na maioria, podem ser englobadas na segunda e na terceira classificação. Resenhas-ensaio e resenhas críticas. Em alguns casos, acontece até uma hibridização dessas duas formas, quando o texto é usado tanto para se refletir acerca do tema quanto para analisar a estrutura e as possibilidades interpretativas da própria obra. Essa mistura não causa espanto, posto que, como a própria Nina afirmou, as classificações não são estanques.

Uma das características que permite ao *Rascunho* abordagens mais aprofundadas nas resenhas é a extensão dos textos. As análises publicadas no jornal têm tamanho, em geral, bastante maior do que nos grandes veículos. Como amostra disso, é possível comparar o tamanho de resenhas publicadas em jornais diferentes e no *Rascunho*. Usa-se aqui romance de Ricardo Lísias, *O céu dos suicidas*, como exemplo disso. Na *Folha de S. Paulo*, a resenha escrita por Alfredo Monte dedica 2.426 caracteres ao romance de Lísias. No *Estadão*, o texto publicado, de Vinicius Jatobá, tem 2.578 caracteres. No *Rascunho*, a avaliação do romance dispõe de 8.420 caracteres, 3,5 vezes maior do que o texto da *Folha* e 3,2 vezes mais espaço do que no *Estadão*.

Essa é uma das vantagens de uma publicação exclusivamente dedicada à literatura. O espaço que se tem disponível para debate literário, análise ou mesmo divulgação de obras é, e tem de ser, muito maior do que em um caderno que briga por lugar com outras editorias. O escândalo político sempre terá mais relevância no jornal diário do que a resenha de um livro por melhor que sejam o livro e a resenha. Quando se tem um veículo especializado, a disputa não ocorre e leitores que procuram a publicação justamente por isso, pelo interesse no assunto tratado.

Além das resenhas, uma seção sempre importante no *Rascunho* é o *Paio! Literário*. Em quatro capas das cinco edições analisadas, o *Paio!* foi destaque e manchete do jornal. Projeto realizado pelo jornal em parceria com o Sesi Paraná, o *Paio!* entrevista diante de plateia autores de todo o país durante o ano. Em 2013, por exemplo, foram seis entrevistados na temporada que durou de julho a dezembro.

A íntegra das entrevistas realizadas no *Paio! Literário* é publicada na edição do mês seguinte ao da entrevista do *Rascunho*. Ao menos três páginas do jornal são ocupadas pela transcrição em texto corrido da conversa. Também pela extensão, o *Paio! Literário* permite uma abordagem bastante ampla da obra e da formação de cada autor que comenta sua trajetória na literatura. Grande parte dos autores que se destacam na cena literária brasileira já passou pelo *Paio!*

A leitura das cinco edições aponta, apesar de mudanças, uma unidade no projeto jornalístico atual do *Rascunho*. As próximas seções do trabalho destrincham de maneira mais específica como cada edição se articulou e quais as principais mudanças e diferenças entre elas.

1.2.2 . Edição 110 — Junho 2009

A edição 110, de junho de 2009, tem, como todas as outras quatro edições analisadas, 32 páginas. O número de páginas no *Rascunho* se alterou no passar dos anos, o jornal já teve, por exemplo, oito páginas, nas primeiras edições, e em algumas outras chegou a 40. A configuração com 32 páginas, entretanto, vigora como padrão do veículo há bastante tempo, mantendo-se, pois, nas edições mais recentes.

Na edição de junho de 2009, duas das 32 páginas foram utilizadas exclusivamente com publicidade. Um dos anúncios era do próprio *Rascunho* e pedia aos leitores que assinassem o jornal "pelo amor de Deus" para "mantê-lo vivo e independente". Há outras peças publicitárias entremeadas na edição que não ocupam, no entanto, o espaço de uma página inteira.

A capa da edição do 110, como em quatro das analisadas, destaca a entrevista feita pelo Paiol Literária com a escritora Nélida Piñon. As páginas quatro e cinco são inteiramente dedicadas à transcrição da entrevista. A disposição do texto não é do clássico pingue-pongue. Há edição antes de transformar a conversa em texto e intertítulos norteiam blocos com o que disse a escritora.

Pode-se notar na edição o predomínio das resenhas no veículo, ainda que exista também uma grande quantidade de textos de outros gêneros. Durante todo o jornal, foram publicadas 10 resenhas. Oito delas ocupam toda a página e outras três têm menor extensão e recebem a denominação de *Breve Resenha*.

Espalhados pela edição 110, há nove colunistas que escrevem crônicas, artigos, reflexões sobre o fazer literário etc. No *Rascunho* 110 são eles:

Tabela 1. Colunistas da edição 110

Colunista	Página
Eduardo Ferreira	Dois
Rinaldo de Fernandes	Dois
Raimundo Carrero	Dez
Luiz Rufatto	Catorze
Luiz Brás	Quinze

Adriana Lisboa	Vinte e quatro
Fernando Monteiro	Vinte e sete
Rogério Pereira	Trinte e um
Affonso Romano de Sant'Anna	Trinta e dois

É importante notar que, embora o número de colunistas se aproxime ao número de resenhas, o espaço dedicado a eles é consideravelmente menor de maneira geral. A maioria dos textos de colunistas divide páginas com outras matérias ou anúncios. Exceção, coluna de Fernando Monteiro na página 27. É preciso assinalar que, nesse caso, Fernando Monteiro trata, na edição, de quatro ilustrações que acompanham o texto em si dentro da diagramação.

Foram publicadas também duas entrevistas, além do *Paio! Literário*. Uma deles, com o escritor Sérgio Rodrigues, é acompanhada por uma resenha do livro que o autor lançava à época. A outra faz parte de uma seção, que não aparece em todas as edições, chamada *Leituras Cruzadas* cuja proposta consiste em entrevistar artistas de outras áreas sobre literatura.

Além disso, a edição destinou espaços na página dois para publicação de cartas dos leitores e a seções *Vidraça*, com pequenas notas e notícias do meio literário, e *Literalmente*, charges. Quatro páginas foram dedicadas à publicação de inéditos, divididas em conto e poesia.

1.2.3. Edição 122 — Junho 2010

A edição 122, de junho de 2010, mantém o domínio de resenhas quando se analisa a publicação como um todo. São, nesse exemplar do *Rascunho*, também 12 resenhas. Oito delas têm maior extensão e quatro são menores e levam a retranca de *Breve Resenha*. Seis das resenhas de tamanho maior ocupam página inteira e outras duas têm o rodapé da página utilizado por alguma *Breve Resenha*.

A capa do exemplar de junho de 2010 também destaca o *Paio! Literário*, com a escritora Carola Saavedra. Nessa edição, a primeira página é mais claramente destinada ao *Paio!* do que na anterior, a fotografia da escritora ocupa grande espaço dessa capa e vem acompanhada da citação de um trecho da entrevista. O *Paio!* está distribuído nas páginas quatro e cinco, além de uma resenha sobre o último livro da escritora, à época, na página seis. Nessa edição, assim como na 110, há dois anúncios que ocupam totalmente o espaço de uma página. Um deles também do próprio *Rascunho* divulgando a próxima entrevista do *Paio! Literário*.

As seções que ocupavam a página dois na edição de junho de 2009, na de 2010 ganharam mais espaço. *Cartas*, *Vidraça*, *Literalmente (charge)* e os dois colunistas (Rinaldo de Fernandes e Eduardo Ferreira) se dividem agora nas páginas dois e três. Efetivamente, isso representou espaço maior para as duas colunas e, sobretudo para *Vidraça*, que ganhou diagramação mais espaçada e imagens ilustrativas.

Nesse exemplar, há a publicação de dois ensaios. Um deles, assinado por Rodrigo Gurgel, ocupa duas páginas e faz parte de uma série de ensaios de Gurgel publicados no *Rascunho* avaliando escritores clássicos na literatura brasileira. O ensaio publicado na edição 122 analisa a produção de José de Alencar em uma crítica negativa e colabora para confirmar a característica polemista do *Rascunho*. Gurgel diz, por exemplo, que é despautério considerar *Iracema* obra-prima e que José de Alencar, comparado aos românticos europeus, não passa de um fato estético insignificante.

Assim como na edição 110, há nove colunistas com textos por todo o jornal. No exemplar de 2010, no entanto, Cláudia Lage substitui Adriana Lisboa no time de colunistas que constava na edição do ano anterior. Abaixo a lista com todos os colunistas e disposição nas páginas:

Tabela 2. Colunistas da edição 122

Colunista	Página
Eduardo Ferreira	Dois
Rinaldo de Fernandes	Três
Raimundo Carrero	Oito
Luiz Rufatto	Dez
Fernando Monteiro	Onze
Luiz Brás	Catorze
Cláudia Lage	Dezesseis
Rogério Pereira	Trinta
Affonso Romano de Sant'Anna	Trinta e dois

Na disposição dos colunistas, quase nenhuma mudança entre as duas primeiras edições analisadas. A coluna de Fernando Monteiro, no entanto, deixou as últimas páginas para ocupar um local intermediário e continua sendo a única a ocupar uma página inteira do jornal.

Da página 25 à 32, está a seção Dom Casmurro. Foram publicados textos inéditos de ficção, poesia e duas colunas (Rogério Pereira e Affonso Romano de Sant'anna). Na seção, publicou-se um trecho de romance, à época inédito, de Patrícia Melo, um conto e poemas de dois poetas brasileiros, além das duas colunas já citadas. A novidade nessa área dedicada à ficção é a publicação de história em quadrinhos. A HQ, assinada por Ramon Muniz, ocupa uma página do jornal.

1.2.4. Edição 134 — Junho de 2011

O *Rascunho* de junho de 2011, número 134, dedicou toda a capa ao *Paio! Literário*. A foto do escritor entrevistado de então, João Ubaldo Ribeiro, sobre um fundo amarelo, os dados do jornal, uma citação do escritor e nada mais. Todas as outras capas analisadas trazem, além da manchete, outras chamadas para resenhas, ensaios, matérias.

Ao *Paio! Literário*, foram destinadas dessa vez três páginas apenas com transcrição da entrevista, no mesmo formato das anteriores: blocos de textos precedidos por intertítulos. Além das três páginas, uma nota no final da entrevista indicava que a íntegra da conversa estava disponível no site. Nessa edição, porém, o *Paio!* não é acompanhado por uma resenha. Uma hipótese para a ausência de resenha é o fato de que não havia lançamentos de João Ubaldo, à época, e pela relevância do autor entrevistado não havia a necessidade de se respaldar em novas publicações.

Na edição, há, assim como nas outras, 12 resenhas, duas delas breves resenhas. Há também alguns textos destinados a analisar determinados autores que analisam a produção desses escritores em âmbito maior e não apenas em obras específicas e outros que tratam de aspectos próprios da literatura, como a fronteira entre gêneros.

Há no exemplar de junho de 2011 uma seção inexistente nos analisados anteriormente. Trata-se da *Prateleira*, subdividida em nacional e internacional. Na *Prateleira*, são exibidos lançamentos literários que não foram contemplados com resenha no jornal. A *Prateleira nacional* ocupa uma página dividida com anúncio no pé, a *internacional* segue o mesmo padrão. Nelas, são expostas as capas dos livros, uma breve sinopse e pequeno trecho da obra.

No número 134 do *Rascunho*, há uma coluna a menos que nas edições anteriores e ocorre mudanças em alguns colunistas. Luiz Ruffato e Raimundo Carrero, presentes nas duas edições analisadas anteriormente, estão ausentes e José Castello surge como novo colunista. A disposição das páginas e colunistas é a seguinte:

Tabela 3. Colunistas da edição 134

Colunista	Página
Eduardo Ferreira	Dois
Rinaldo de Fernandes	Dois
Affonso Romano de Sant'Anna	Três
Luiz Brás	Oito
José Castello	Onze
Rogério Pereira	Vinte e oito
Fernando Monteiro	Trinta e um
Cláudia Lage	Trinta e dois

A disposição dos colunistas é, mais uma vez, alterada, algumas apenas mudança de página que não alteram o todo da estrutura do jornal. As mais evidentes e drásticas: Fernando Monteiro volta a ocupar as páginas finais e Affonso Romano de Sant'Anna deixa a última página para dividir espaço com a *Vidraça* na página três. Com essa mudança, Rinaldo Fernandes e Eduardo Ferreira voltam a compartilhar a página dois com cartas e charge.

A seção destinada à ficção e à poesia não leva mais a retranca *Dom Casmurro*, embora as características sigam as mesmas: contos, poemas, colunistas. A história em quadrinho de Ramon Muniz permanece e, nessa edição, outra HQ é também publicada.

1.2.5. Edição 146 — Junho de 2012

Na capa da edição 146, de junho de 2012, o *Paiol Literário* não é destaque solitário, ao contrário de todas as edições analisadas anteriormente. Nesse número, as fotos e citações do escritor entrevistado para o *Paiol*, Jaime Prado Gouvêa, e da escritora Maria Cecília Gomes dos Reis, outra entrevista publicada, compartilham o destaque na página um.

A entrevista do *Paiol*, como de costume, está alocada nas páginas 4 e 5, também não é, como na edição 134, acompanhada por resenha. A entrevista de Maria Cecília Gomes dos Reis, no entanto, é precedida por resenha de página inteira do romance *A vida obscena de Anton Blau* da escritora recém lançado naquele ano. Para essa entrevista, foram destinadas as páginas 12 e 13. Somadas, são três páginas dedicadas à autora nesse número do *Rascunho*.

Nessa edição, a quantidade de resenhas é menor. São nove textos do gênero, enquanto nas edições anteriores havia 12 em cada um. É relevante notar, porém, que não há mais nessa edição *breves resenhas*. Todos os textos destinados a analisar algum livro têm extensão maior, ainda que existam diferenças de tamanho entre eles.

Outra ausência é a da charge, que perdeu o espaço para uma seção nomeada de *Eu recomendo*, em que escritores ou críticos recomendam algum livro aos leitores. As páginas dois e três, com exceção dessa mudança, seguem o padrão da edição de junho do ano anterior. *Cartas*, coluna de Eduardo Ferreira e de Rinaldo Fernandes seguem na página dois; expediente, texto de Affonso Romano de Sant'Anna e *Vidraça* na página três.

As *prateleiras* permanecem nesse número do *Rascunho*, embora agora dividam o espaço com outros textos e não anúncios. Além disso, foram abolidos os trechos das obras, o que permitiu aumento na quantidade de livros apresentados. A publicidade segue ocupando, além de anúncios menores, duas páginas completas do jornal. Aparece, pela primeira vez nas edições analisadas, a seção *Inquérito*, uma entrevista breve com escritores sobre formação, processo criativo, leituras.

Nos colunistas, há, em relação a junho de 2011, a volta de Raimundo Carrero e a saída de Cláudia Lage, além de algumas mudanças na disposição que ficou assim:

Tabela 4. Colunistas da edição 146

Colunista	Página
Eduardo Ferreira	Dois
Rinaldo de Fernandes	Dois
Afonso Romano de Sant'Anna	Três
José Castello	Dez
Raimundo Carrero	Catorze
Fernando Monteiro	Quinze
Luiz Brás	Dezesseis
Rogério Pereira	Trinta e dois

Aos inéditos, a edição reservou as últimas sete páginas que seguiu com a publicação de contos, poemas e da história em quadrinhos. Diferente das edições analisadas anteriormente, apenas um colunista, Rogério Pereira, ficou situado entre os textos de ficção e poesia.

1.2.6. Edição 158 — Junho de 2013

De todas as edições analisadas do *Rascunho* neste trabalho, a 158, de junho de 2013, foi a única a não publicar *Paio! Literário*. Isso aconteceu porque, por ser um evento organizado em temporadas, o *Paio!* não entrevista autores em todos os meses do ano. A capa desse *Rascunho* não estampou a foto de nenhum escritor, uma ilustração era aporte para a chamada de um ensaio e de uma entrevista.

As páginas quatro e cinco, nas outras edições usadas para o *Paio! Literário*, no *Rascunho* 158 abriga uma entrevista com o escritor Wesley Peres. Com duas páginas, a entrevista se aproxima dos moldes do *Paio!*, é extensa e abarca vários temas desde carreira, obra a leituras, influências, formação. No lugar dos blocos de textos com intertítulos do *Paio!*, aqui o formato tradicional de pingue-pongue é utilizado.

As resenhas voltam com mais força nessa edição. A *Breve Resenha* segue abolida, mas novamente, como nas três primeiras edições analisadas, o *Rascunho* publica doze textos que analisam livros específicos. A publicidade segue o padrão e ocupa duas páginas completas, além dos pequenos anúncios.

Uma seção destinada à literatura infantil e juvenil é a principal novidade em relação às edições estudadas nas seções anteriores deste trabalho. Resenha e *Prateleirinha* (destinada a lançamentos para crianças e adolescentes) compõem a página destinada à *Rabisco*, como foi chamada a seção.

Dez colunistas escrevem nessa edição do *Rascunho*. As mudanças ficam pela inclusão de Alberto Mussa e João Cezar de Castro Rocha. A lista de autores que foram colunistas na edição e a disposição dos textos nas páginas ficaram assim:

Tabela 5. Colunistas da edição 158

Colunista	Página
Eduardo Ferreira	Dois
Rinaldo de Fernandes	Dois
Affonso Romano de Sant'Anna	Dois
Alberto Mussa	Sete
José Castello	Catorze

Luiz Brás	Dezesseis
Raimundo Carrero	Catorze
Fernando Monteiro	Quinze
João Cezar de Castro Rocha	Vinte e dois
Rogério Pereira	Trinta e dois

A página dois foi mais uma vez alterada. Com redução para o espaço de cartas, *Eu recomendo* e as colunas de Rinaldo Fernandes, Eduardo Ferreira e Affonso Romano de Sant'Anna passaram a dividir o mesmo espaço. *Vidraça*, porém, ganhou fôlego e só foi acompanhada pelo discreto expediente na página três. Essas mudanças, de algum modo, podem causar confusões no leitor acostumado a ler alguns colunistas e que está habituado a procurá-los em determinado local.

Nos inéditos, a edição tem como diferencial, em relação às outras estudadas aqui, ter publicado dois capítulos finais (10 e 11) do folhetim *O crânio de Castelão*, idealizado pelo escritor Carlos Quiroga e escrito por onze autores diferentes. Por conta da publicação do folhetim em três páginas, contos e poemas ficaram fora da edição. A HQ de Ramon Muniz, no entanto, foi publicada.

2. AUTORES E OUTRAS CARACTERÍSTICAS

2.1. Sobre alguns colunistas

Nas últimas seções dedicadas a analisar a estrutura do *Rascunho*, pode-se notar que os colunistas cumprem papel relevante na organização do jornal. Em média, oito escritores escrevem a cada edição do periódico e ocupam espaço importante na construção do jornal.

É importante diferenciar aqui a definição originalmente empregada para coluna da maneira como ela mais se apresenta atualmente e como aparece no periódico curitibano. Segundo José Marques de Melo (1994), a coluna era, no princípio, um texto com até mil palavras que coincidia com o tamanho de uma coluna, em termos de espaço, no jornal. Com o tempo, o número de palavras diminuiu para 800 e até 500, em alguns casos.

Rabaça e Barbosa (1978) apresentam uma definição de coluna que se enquadra de maneira mais apropriada com a forma como *Rascunho* e grande parte dos jornais de hoje a definem. A coluna, para eles, é “seção especializada de jornal ou revista, publicada com regularidade, geralmente assinada, e redigida em estilo mais livre”. A coluna pode, então, conter crônicas, artigos, notas etc.

A coluna no *Rascunho* está próxima da definição de Rabaça e Barbosa e quase que totalmente distinta do conceito original descrito por Marques de Melo. Na publicação, crônicas, artigos e textos de outros gêneros, com espaço geralmente delimitado, escritos de maneira “mais livre e pessoal” do que resenhas, ensaios é o que se chama de coluna.

Os colunistas, como se é de esperar então, apresentam uma visão mais livre do que a dos textos comumente publicados no jornal. Enquanto as resenhas (principal gênero presente no *Rascunho*) têm a obrigação de tratar dos temas abordados nos livros de que estão falando e falar das próprias obras, as colunas são espaço para quaisquer assuntos escolhidos pelo colunista dentro do universo literário. Não há, pois, a necessidade de se fechar em temas presentes em determinado autor ou obra.

Apesar dessa liberdade, existe em algumas colunas do *Rascunho* temáticas definidas, os autores exercem livremente suas capacidades analíticas, argumentativas dentro desse espectro. Essas temáticas funcionam mais como

recortes de um todo geral e não, necessariamente, como restrição, uma vez que outros assuntos podem até aparecer nos textos.

Como, na parte anterior e nas suas subseções dedicadas à estrutura, colunas e colunistas aparecem apenas citados e não há, em geral, referência a conteúdo e temas, esta seção analisa alguns dos autores que escrevem periodicamente para o *Rascunho*. Assim, é possível observar com mais concretude o papel das colunas e como elas se apresentam no jornal.

Para isso, quatro colunistas foram escolhidos. O principal critério para a escolha foi o fato de todos os eles aparecerem nas cinco edições analisadas neste trabalho e ainda continuarem no *Rascunho*. Cada um deles receberá uma apresentação mais detalhada de suas colunas e trajetória. Os autores escolhidos para essa breve exposição dentro deste trabalho foram Rinaldo de Fernandes, Eduardo Ferreira, Affonso Romano de Sant'Anna e Luiz Brás.

2.1.1. Rodapé — Rinaldo de Fernandes

Maranhense radicado na Paraíba, Rinaldo de Fernandes é professor, ensaísta, escritor de ficção, organizador de antologias. Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Fernandes é professor da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Em ficção, escreveu *O caçador* (Editora da UFPB), *O perfume de Roberta* (Garamond) e *Rita no pomar* (7Letras). O último romance de Fernandes, *Rita no Pomar*, foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura em 2009. Organizou, entre outras, as antologias *O clarim e a oração: cem anos de Os sertões* (Geração Editorial), *Chico Buarque do Brasil* (Garamond/Fundação Biblioteca Nacional), *Contos cruéis: as narrativas mais violentas da literatura brasileira contemporânea* (Geração Editorial), *Capitu mandou flores: contos para Machado de Assis nos cem anos de sua morte* (Geração Editorial).

No *Rascunho*, Rinaldo de Fernandes² é responsável pela coluna *Rodapé* desde 2004, quando propôs a criação da coluna:

Em 2004, se não me engano. Eu morava em São Paulo, onde fazia meu doutorado em Letras, quando li pela primeira vez, numa biblioteca acadêmica, o jornal *Rascunho*. Achei-o interessante porque tratava sobretudo de literatura brasileira contemporânea, pela qual sempre tive interesse. Fiz assinatura do jornal, comecei a acompanhá-lo mensalmente. Entrei em contato com o editor Rogério Pereira propondo uma coluna que tratasse de aspectos de obras literárias - uma cena, um personagem, um narrador -, mas que não fosse no modo tradicional de uma resenha. O editor topou - e eu passei a publicar a minha coluna "Rodapé", que já tem cerca de 10 anos.

Fernandes acredita que *Rascunho* é um jornal necessário, que “traz informações e abordagens das mais pertinentes” para quem se interessa por literatura. Nas cinco edições analisadas, a seção alternou entre as páginas dois e três (sempre no início do periódico). Como o nome sugere, a coluna ocupa sempre a parte inferior, o pé, da página.

Rodapé é sempre escrita em único parágrafo. A intenção é realizar um comentário crítico de algum autor, conto, romance, poema, passagem de obra. Ou seja, comentário crítico de algum aspecto literário. O parágrafo de Rodapé é

² Em entrevista, por email, ao autor desta monografia

extenso, tem em média 2.100 caracteres nas cinco edições analisadas. O espaço de um parágrafo, em alguns casos, não é o bastante para o assunto, por esse motivo muitas *Rodapé* são continuação ou início de séries.

A coluna da edição de junho de 2009, edição 110, faz uma análise da canção *Todo Sentimento*, de Chico Buarque. No texto, Fernandes dedica-se a interpretar a abordagem do compositor sobre aspectos das relações amorosas.

Na edição de 2010, *Rascunho* 122, a coluna analisa o sadismo na obra de Machado de Assis. Esse texto é a segunda parte de outra coluna publicada na edição anterior. Na edição 134, de 2011, o texto também faz parte de uma série, é a terceira coluna sobre antologias de conto, organizadores e critérios utilizados para a confecção delas.

A coluna da edição 146, junho de 2012, é o primeiro texto de outra série, essa dedicada à relação de Tom Jobim e a Natureza. O texto da última edição analisada, 158 de junho de 2013, neste trabalho é a sétima parte de uma série que trata de confluências entre obras do escritor brasileiro Euclides da Cunha e do peruano Mário Vargas Llosa.

2.1.2. Translato — Eduardo Ferreira

Tradutor, jornalista e diplomata brasileiro residente em Bruxelas (Bélgica), Eduardo Ferreira é autor da coluna *Translato* no *Rascunho*. Assim como *Rodapé*, a seção está sempre nas primeiras páginas do jornal. Nas cinco edições variou entre a segunda e a terceira página, em geral, abrindo o jornal junto com *Rodapé* — como já citado —, cartas, *Vidraça*, *Expediente*.

Translato é uma coluna dedicada à tradução. De todas as colunas do *Rascunho*, é possivelmente a que mais esteja estreitamente ligada a uma área. Enquanto outros colunistas, embora tenham alguma delimitação, possam se ater a temas mais gerais, Eduardo Ferreira tem de dedicar sempre seu texto à tradução nos mais distintos aspectos.

Há, na coluna, abordagens de procedimentos específicos da tradução, dificuldades e possibilidades do ofício, assim como também aparecem análises de traduções em si ou de determinado autor e tradutor. Portanto, para falar de tradução, Ferreira se vale em alguns casos do recurso de tratar diretamente de aspectos específicos, mas pode também chegar a essas especificidades por meio da análise da tradução de um romance ou de um poema.

Nas cinco edições analisadas, *Translato* teve em média 3.460 caracteres. A coluna da edição 110, 2009, tratou da dificuldade de se traduzir sonetos de William Shakespeare, sobretudo pelo prestígio da obra do inglês. Em junho de 2010, edição 122, Eduardo Ferreira dedicou seu texto à análise do pensamento e da produção como tradutor de Umberto Eco e da ideia do italiano da tradução vista como uma espécie de negociação.

A coluna de junho de 2011, *Rascunho* 134, tratou das possibilidades de tradução dos movimentos secretos do autor. Ferreira indaga como o tradutor deve agir diante de recursos que o escritor utilizou de maneira implícita, secreta na confecção da obra. Na edição 146, junho de 2012, a coluna trata de como realizar uma abordagem histórica da tradução, uma vez que os movimentos iniciais desse processo não são claros.

Na última edição analisada, 158, junho de 2013, aborda a faceta menos conhecida de Paulo Leminski, a tradução. A coluna é publicada em meio aos comentários sobre a obra do poeta suscitados pela grande e imediata venda do livro *Toda Poesia*. Ferreira se debruça sobre a atividade de Leminski como tradutor e

analisa algumas das escolhas feitas pelo poeta de *Sol e aço*, de Yukio Mishima, *Satyricon*, de Petrônio, e *Malone morre*, de Samuel Beckett. Para Ferreira, o Leminski tradutor surpreende positivamente.

2.1.3. Ruído Branco — Luiz Brás

Para falar sobre Luiz Brás, é preciso antes esclarecer. Luiz Brás não é pessoa física, não tem documento de identidade ou CPF e nasceu em uma cidade imaginária, Cobra Norato, no Mato Grosso do Sul. Luiz Brás é pseudônimo do escritor e crítico literário Nelson de Oliveira. A princípio, era usado apenas para assinar livros de literatura infanto-juvenil. Com o tempo, no entanto, o nome ganhou força, passou a assinar coluna no *Rascunho*, um livro para o público adulto em 2010 e afastou a assinatura Nelson de Oliveira da atuação como autor. A justificativa de Nelson é que se sentia esgotado com a própria produção. Luiz Brás era, então, uma maneira de recomeçar para o doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP).

No *Rascunho*, Luiz Brás assina a coluna *Ruído Branco*. A proposta é de que a coluna fale principalmente sobre ficção científica e fantasia. Porém *Ruído Branco* não se prende a essa definição e, não raro, transborda os limites impostos pela temática. Como em todas as outras colunas, só uma abordagem geral é, de certa forma, obrigatória: os textos devem falar de literatura (como, é claro, espera-se num jornal literário).

Ruído Branco não ocupa lugar fixo no *Rascunho*. O local de publicação varia em quase todas as edições do jornal. A coluna, apesar disso, pode ser de algum modo situada, está sempre num lugar intermediário do jornal, quase sempre entre as páginas 14 e 16.

Em comparação com as duas colunas expostas aqui anteriormente, *Ruído Branco* tem mais espaço. Os textos têm em torno de sete mil caracteres, fato que permite a Luiz Brás publicar artigos, crônicas de mais fôlego que os dois colunistas abordados nas seções passadas deste trabalho.

Foram, de fato, variados os assuntos abordados por Luiz Brás nos textos publicados nas cinco edições analisadas. No *Rascunho* número 110, de junho de 2009, o colunista narra o "Caso do Cavalo", que trata alegoricamente, mas com citações explícitas, da astúcia, de certo jeito desonesto e esperto que o brasileiro tem, segundo Brás.

Na edição de junho de 2010, 122, a coluna falou, de fato, sobre ficção científica e explanou sobre os possíveis futuros escolhidos por uma obra do gênero. Distopias, utopias, sombra e luz foram possibilidades aventadas pelo autor. A coluna

da edição 134, junho de 2011, é uma bem-humorada e irônica reunião de conselhos para se escrever um best-seller nomeada *O Coxo, o Tinhoso, o Cramunhão*.

A coluna de junho de 2012, edição 146, é resposta à crítica de um leitor à literatura brasileira contemporânea e a um volume de contos, *Paraíso Líquido*, de Luiz Brás. O autor, que respondeu diretamente em três partes, publicou apenas as duas primeiras, que tratam de aspectos gerais da literatura produzida no Brasil e deixou de lado a última parte, uma defesa de seu livro.

A última coluna, *Rascunho* 158, de junho de 2013, é parte de uma série que fez a seguinte pergunta a escritores, jornalistas e críticos brasileiros:

Tendo em vista a quantidade de livros publicados e a qualidade da prosa e da poesia brasileiras contemporâneas, em sua opinião, a literatura brasileira está num momento bom, mediano ou ruim?

O texto consistia na transcrição das respostas de alguns dos entrevistados.

2.1.4. Quase-diário — Affonso Romano de Sant'Anna

Poeta mineiro, Affonso Romano de Sant'Anna é autor de mais de setenta livros. Recebeu diversos prêmios, entre eles o da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) pelo conjunto da obra. Sant'Anna foi também jurado de uma série de prêmios internacionais, Prêmio Camões, por exemplo.

No *Rascunho*, Affonso Romano de Sant'Anna é titular da coluna *Quase-Diário*. A coluna é um diário do escritor, narrando situações acontecidas no passado, porém escrito nos dias atuais. Nos textos, Sant'Anna passa por acontecimentos históricos do país e reflete em todos, de alguma maneira, sobre temas literários, afinal é um diário de poeta.

Em um das colunas, publicada no *Rascunho* de setembro de 2013, Sant'Anna diz:

26.09.1995

Descubro que escrevo este *Quase-diário* para mim mesmo, para reencontrar coisas do passado. Hoje, por acaso, procurando a data do Salão do Livro de Paris, dei de cara com coisas escritas em 1985, 1986 e 1987 que me tocaram e das quais havia esquecido inteiramente. Se relesse este texto aos oitenta ou oitenta e cinco anos, que sensações teria? Revivo. Renasço. Relendo.

Nos diários publicados nas cinco edições analisadas do *Rascunho*, os textos não seguem ordem cronológica, não é como se Sant'Anna estivesse recontando sua história com começo, meio e fim. Os textos vão e voltam no tempo revelando *flashes*, pequenos episódios, épocas marcantes da vida do poeta.

Nas edições analisadas, *Quase-diário* mudou, em questões de espaço, drasticamente. Nas duas primeiras, junho de 2009 e 2010, ocupava a última página, era o texto que fechava o jornal. Depois dele, apenas um anúncio. Nas edições seguintes, 2011 e 2012, a coluna passou a ser publicada na página três, por fim, menos drasticamente, foi para a segunda página na última edição analisada, 2013.

Como trata de passagens da própria vida, em alguns textos é difícil definir claramente qual dos assuntos é o principal. O fato, no entanto, de ser um processo de reconstrução da memória e não a simples publicação de um diário real facilita que se tente encontrar algum eixo dentro das colunas.

Na edição 110, junho de 2009, Affonso Romano fala da morte de Rubem Braga, de um contato com o escritor português José Saramago e da publicação de um livro bastante criticado negativamente de Fernando Sabino sobre Zélia Cardoso. As passagens acontecem em torno de uma viagem a Portugal de Sant'Anna para ser jurado do Prêmio Camões.

A coluna da edição 122, junho de 2010, conta a visita do poeta a um manicômio em Barbacena. No *Rascunho* 134, de 2011, Sant'Anna reúne excertos de trechos sobre o argentino Jorge Luis Borges, sobretudo fala de uma entrevista de Borges a Roberto D'Ávila e do dia em que ele morreu.

Na edição 146, 2012, Sant'Anna inicia o texto com uma tentativa de entender qual a definição exata de judeu para logo depois refletir aproximações entre literatura e sagrado. Na última edição analisada, 158 de junho de 2013, Affonso Romano comenta a participação nas *Diretas Já* e a reação a um artigo seu publicado criticando o então presidente João Figueiredo.

2.2. Autores

Nesta seção, serão apresentadas algumas características gerais dos autores resenhados nas cinco edições analisadas nesta monografia. As regiões dos escritores, gêneros das obras etc. Dessa maneira, é possível entender, numa análise mais ampla, como se dão as escolhas do *Rascunho* e como o próprio jornal se organiza.

Considerando que um espaço relevante da publicação é dedicado às resenhas e a análise direta de obras e autores, é possível pensar que o entendimento geral da escolha de escritores resenhados pelo jornal possa revelar aspectos importantes para compreendê-lo.

Dessa forma, as subseções seguintes serão dedicadas a expor essas características gerais. Em cada subseção, serão apresentados os dados obtidos pela análise de cada uma das edições.

2.2.1. Edição 110 — Junho de 2009

Em junho de 2009, a edição 110 é o exemplar do *Rascunho* em que mais se pode notar a dominância de autores de certa maneira já bastante conhecidos no meio literário. A maioria dos escritores resenhados nessa edição são nomes que figuram com frequência pelos cadernos de literatura dos grandes jornais e estão presentes em boa parte dos eventos literários do país. As exceções ficam para as breves resenhas e para uma avaliação de antologias.

Além deles, há também resenhas de alguns autores estrangeiros ainda mais chancelados pela crítica. A tabela a seguir traz a lista dos autores resenhados e as obras analisadas no *Rascunho*:

Tabela 6. Autores e livros da edição 110

Autor	Título	Editora	Gênero
Nélida Piñon (RJ)	<i>Coração Andarilho</i>	Record	Romance
Milton Hatoum (SP)	<i>A cidade ilhada</i>	Companhia das Letras	Conto
Vários autores	<i>Antologia de contos da UBE</i>	Global	Conto
Antônio Xerxenesky (SP)	<i>Areia nos dentes</i>	Não editora	Romance
Daniel Mazza (SP)	<i>A cruz e a força</i>	Book editora	Poesia
Sylvia Loeb (SP)	<i>Contos do divã</i>	Ateliê	Conto
Sérgio Rodrigues (RJ)	<i>Elza, a garota</i>	Nova Fronteira	Romance
Marcus Vinicius Quiroga (RJ)	<i>O xadrez e as palavras</i>	Edição do autor	Poesia
Éric Marty	<i>Roland Barthes, o ofício de escrever</i>	Difel	Crítica
J.G. Ballard	<i>O reino do amanhã</i>	Companhia das Letras	Romance

Na edição 110, é possível observar que há certo equilíbrio no gênero dos livros resenhados. Ainda que romance apareça mais vezes que os outros, seguido

por conto. De certa maneira, a relação pode ser comparada a própria situação do mercado editorial brasileiro, em que o romance tem mais força de mercado do que outros gêneros.

Das dez resenhas publicadas, apenas duas são de autores estrangeiros. Nas outras oito resenhas — todas, portanto, de escritores brasileiros — não se pode dizer que exista uma representação do que se produz literariamente no país em todas as regiões. Pelo contrário, o que ocorre é uma avaliação da produção centrada no eixo Rio de Janeiro e São Paulo. Mesmo que nem todos os autores tenham nascido em São Paulo ou Rio de Janeiro e alguns deles, como Milton Hatoum, tenham obras voltadas às regiões de origem, todos os escritores brasileiros resenhados nessa edição vivem nos dois estados e, particularmente, nas duas capitais.

Há prevalência de grandes editoras nas obras analisadas. Apesar disso, sobretudo nas breves resenhas, o espaço é aberto para livros publicados por casas com menos notoriedade. A breve resenha é aqui também espaço para autores menos reconhecidos pelo público que acompanha a produção literária em geral e foi também espaço para as resenhas dos dois livros de poesia.

2.2.1. Edição 122 — Junho de 2010

A edição 122 é uma edição com análise de muitos romances. Nesse exemplar do *Rascunho*, o gênero da narrativa longa é predominante nas obras resenhadas. São sete obras do gênero das onze análises publicadas. A poesia aparece duas vezes, a crônica e a biografia uma vez cada. O conto não aparece nessa edição em nenhuma resenha e também em praticamente nenhum dos outros textos. É importante observar que na edição do mês anterior (junho de 2010, fora das edições analisadas aqui) há um longo ensaio sobre o gênero no cenário brasileiro atual.

Abaixo a tabela com autores, títulos das obras, editora e gênero:

Tabela 7. Autores e livros da edição 122

Autor	Título	Editora	Gênero
Carola Saavedra (RJ)	<i>Paisagem com dromedário</i>	Companhia das Letras	Romance
Paloma Vidal (SP)	<i>Algum lugar</i>	7Letras	Romance
Ivana Arruda Leite (SP)	<i>Alameda Santos</i>	Iluminuras	Romance
Sebastião Nunes (MG)	<i>Adão e Eva no paraíso amazônico</i>	Edições Dubolsinho	Crônicas
Marcos Siscar (SP)	<i>Interior via satélite</i>	Ateliê	Poesia
Fabício Corsalatti (SP)	<i>Esquimô</i>	Companhias das Letras	Poesia
Mikhail Bulgákov	<i>O mestre e a margarida</i>	Alfaguara	Romance
Natalia Ginzburg	<i>Léxico familiar</i>	Cosac Naify	Romance
Jackie Wullschlager	<i>Chagall</i>	Globo	Biografia
Juan Gabriel Vásquez	<i>Os informantes</i>	L&PM	Romance
Amós Oz	<i>Cenas da vida na aldeia</i>	Companhia das Letras	Romance

Nesse *Rascunho*, há também uma certa equiparação entre autores estrangeiros e nacionais. Seis resenhas de escritores brasileiros e cinco de autores internacionais. Pode-se observar também que, embora ainda aconteça, a lista de autores muito aclamados é menor. Não se pode dizer que sejam grandes apostas em autores desconhecidos, longe disso, mas há menos escritores consagrados do que na edição analisada anteriormente.

Novamente, há a predominância dos autores dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, dentre os brasileiros. Apenas o mineiro Sebastião Nunes, que vive em Sabará (MG), é exceção ao eixo RJ-SP. As grandes editoras também são maioria. Continua haver, porém, a presença de pequenas e médias editoras, fato que se repete em praticamente todas as edições do *Rascunho*.

Em relação à edição anteriormente analisada, pode-se observar também que a poesia, no *Rascunho* 122, não foi alvo apenas das breves resenhas (na edição anterior, os livros de poesia resenhados estavam todos em breves resenhas). Na 122, foram duas análises publicadas sobre livros do gênero. *Interior via Satélite* (Ateliê), de Marcos Siscar e *Esquimó* (Companhia das Letras), de Fabrício Corsallesi. O livro de Corsallesi publicado por uma grande editora aparece em uma resenha de maior extensão e divide a página com um anúncio.

2.2.1. Edição 134 — Junho de 2011

A edição 134 é, sem dúvida, a mais diversificada em termos de autores resenhados. Ao contrário das outras duas edições analisadas, os autores nacionais não são maioria. São seis livros de escritores internacionais para cinco de brasileiros. São Paulo ainda aparece como maioria dentre os livros escritos no Brasil, mas há duas obras de escritores que estão fora de São Paulo ou do Rio de Janeiro.

A tabela com nomes dos autores, editoras, obras e gênero ficou menos homogênea nesse exemplar do *Rascunho*:

Tabela 8. Autores e livros da edição 134

Autor	Título	Editora	Gênero
Giselda Leiner (SP)	<i>Naufraágios</i>	Editora 34	Conto
Zulmira Ribeiro Tavares (SP)	<i>Vesúvio</i>	Companhia das Letras	Poesia
Moacir Amâncio (SP)	<i>Yona e o Andrógino: Notas sobre Poesia e Cabala</i>	Nankin/Edusp	Crítica
Arthur Rimbaud	<i>Correspondência</i>	Topbooks	Cartas
Kyoichi Katayama	<i>Um grito de amor no centro do mundo</i>	Alfaguara	Romance
Gay Talese	<i>Honra teu pai</i>	Companhia das Letras	Reportagem
Natália Ginzburg	<i>Caro Michele</i>	Cosac Naify	Romance
Pola Oloixarac	<i>As teorias selvagens</i>	Benvirá	Romance
Tzvetan Todorov	<i>A beleza salvará o mundo</i>	Difel	Crítica
Kevin Falcão Klein (SC)	<i>Conversas apócrifas com Enrique Vila-Matas</i>	Modelo de Nuvem	Entrevistas
Guiomar de Grammont (MG)	<i>Aleijadinho e o aeroplano</i>	(Civilização Brasileira)	Biografia

Nota-se também que no quesito gênero essa edição foi mais variada que as outras. Romances são os mais resenhados, no entanto a relação entre gêneros é menos centrada na narrativa longa. Tem-se nessa edição uma gama de livros mais ampla nesse aspecto. Poesia, crítica, biografia, jornalismo, entrevista (ficcionais) aparecem nesse *Rascunho*. Nas outras edições, costumava haver entre três ou quatro gêneros distintos apenas, ao passo que no *Rascunho* 134 há sete.

Com relação às editoras, o critério segue sem grandes alterações. O espaço é principalmente para obras de editoras médias e grandes, mas há espaço também para as pequenas e para acadêmicas, por exemplo. Nessa edição, pode-se observar que há pequeno espaço a mais para casas editoriais que fogem às de grande alcance, no geral, porém, o panorama segue o mesmo.

2.2.1. Edição 146 — Junho de 2012

Rascunho 146 tem, outra vez, a predominância do romance. De todas as oito resenhas publicadas no jornal, seis são dedicadas ao gênero. Restam, então, duas dedicadas a outras alternativas literárias. Uma análise de um livro crítico e uma análise de poesia. O volume de poemas *A cabeça calva de Deus* (Escrituras), do cabo-verdiano Corsino Fortes, ocupa o espaço de breve resenha. O romance como gênero mais analisado, de maneira geral, é uma tendência nas edições do jornal analisadas neste trabalho. Embora seja preciso apontar que em algumas edições a relação entre esse tipo e outros modos de narrativa seja mais equilibrada, sempre há mais romances resenhados.

O conto não aparece resenhado nessa edição do *Rascunho*, além de outros gêneros como a biografia. À exceção de *Hermenêutica e crítica: o pensamento e a obra de Benedito Nunes* (Edusp), de Jucimara Tarricone, todas as obras analisadas são ficcionais.

Pode-se visualizar essa característica na edição 146 na tabela abaixo:

Tabela 9. Autores e livros da edição 146

Autor	Título	Editora	Gênero
Susana Fuentes (RJ)	<i>Luzia</i>	7Letras	Romance
Deonísio da Silva (RJ)	<i>Lotte & Zweig</i>	Leya	Romance
Chico Lopes (SP)	<i>O estranho no corredor</i>	Editores 34	Romance
Maria Cecília Gomes dos Reis (SP)	<i>A vida obscena de Anton Blau</i>	Editores 34	Romance
Jucimara Tarricone (SP)	<i>Hermenêutica e crítica: o pensamento e a obra de Benedito Nunes</i>	Edusp	Crítica
Alessandro Manzoni	<i>Os noivos</i>	Nova Alexandrina	Romance
Corsino Fortes	<i>A cabeça calva de Deus</i>	Escrituras	Poesia
Joyce Carol Ostes	<i>Pássaro do paraíso</i>	Alfaguara	Romance

No *Rascunho* de junho de 2012, volta também a preferência pelo escritor nacional para as resenhas. Na edição anterior analisada, havia uma distribuição mais homogênea nesse aspecto. Na 146, há maioria de autores brasileiros, são cinco nacionais contra três internacionais, o que também volta a confirmar que essa seja uma característica constante no jornal.

Novamente, todos os escritores brasileiros resenhados são residentes nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. São três paulistas e dois cariocas. Nas edições anteriores, isso está também aparente, embora em algumas mais e em outras menos.

Há mais equilíbrio na questão das editoras nessa edição do *Rascunho*. A relação entre maiores e menores está mais bem distribuída nas resenhas de junho de 2011.

2.2.1. Edição 158 — Junho de 2013

Rascunho de junho de 2013 é a edição em que obras não ficcionais mais estão presentes. Ainda há predominância da ficção, mas, na edição 158, cinco dos doze livros resenhados são de textos que fogem às narrativas. Há, sobretudo, um espaço maior para livros que pensam a literatura em relação aos exemplares anteriores analisados que privilegiavam muito mais livros ficcionais.

O romance é o principal gênero abordado, são cinco resenhas de livros do gênero nessa edição. A poesia ficou de fora desse *Rascunho* e duas resenhas de volumes de contos fecham o quadro da edição 158:

Tabela 9. Autores e livros da edição 158

Autor	Livro	Editora	Gênero
Bartolomeu Campos (MG)	<i>Sobre ler e escrever e outros diálogos</i>	Autêntica	Ensaios
Noemi Jaffe (SP)	<i>A verdadeira história do alfabeto</i>	Companhia das Letras	Contos
Cadão Volpato (SP)	<i>Pessoas que passam pelos sonhos</i>	Cosac Naify	Romance
Regina Dalcastagne e Virgínia Maria Vasconcelos Leal (DF)	<i>Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea</i>	Horizonte	Crítica
Gil Fellipe (SP)	<i>O rio na parede</i>	Ateliê	Contos
Julio Ludemir (RJ)	<i>Só por hoje</i>	Rocco	Romance
Jorge Schwartz (SP)	<i>Fervor das vanguardas</i>	Companhia das Letras	Crítica
Jeanette Rozsas (SP)	<i>Edgar Allan Poe: O mago do terror</i>	Melhoramentos	Crítica
Renato Rezende (RJ)	<i>Amarração e Carçoço</i>	Circuito/Azougue	Romance
Jean Rhys	<i>Vasto mar de sargaços</i>	Rocco	Romance
Stephen King	<i>Sob a redoma</i>	Suma de Letras	Romance
Susana Scramin (SP)	<i>O contemporâneo na crítica literária</i>	Iluminuras	Crítica

A preferência por autores nacionais é muito forte no exemplar de junho de 2013. Das doze resenhas, dez são de escritores brasileiros e, como já dito antes neste trabalho, essa é uma característica sempre presente na publicação. Isso vem

ao encontro dos ideais propostos pelo *Rascunho* de tentar apresentar um panorama da literatura do país.

As regiões dos escritores, no entanto, seguem o padrão percebido nos outros jornais analisados: a maioria dos autores é do Rio de Janeiro ou de São Paulo. Dos dez autores resenhados, apenas dois livros não são de escritores dos dois estados. Um desses livros é uma coletânea de estudos organizada por professoras da Universidade de Brasília (UnB).

Na questão das editoras, não há grandes diferenças das edições anteriores. A inclusão de uma resenha do romance *Sob a redoma*, de Stephen King, chama a atenção por ser uma obra de forte apelo comercial, característica, em geral, deixada de lado pelo *Rascunho*.

3. ANÁLISE

Este último capítulo é destinado a uma análise em aspectos gerais do *Rascunho* a partir das observações feitas pela pesquisa das cinco edições escolhidas para esta monografia. É, por meio das informações colhidas em um olhar mais demorado para o jornal, que se tentará aqui uma abordagem mais ampla do periódico atualmente. Portanto, as reflexões apresentadas estão embasadas na observação das cinco edições escolhidas, entre junho de 2009 e 2013.

Além disso, alguns outros temas relevantes à literatura brasileira e, por conseguinte, ao *Rascunho* foram também norteadores da breve análise que se propõe neste capítulo e que não tem a pretensão de esgotar as possibilidades de leitura e de entendimento do *Rascunho* como um todo. Essas reflexões buscam, portanto, compreender, de alguma maneira, como o jornal representa o cenário literário do país e como se apresenta dentro dele.

3.1. Panorama

3.1.1. Rio de Janeiro e São Paulo

Fundador do *Rascunho* e editor do jornal desde os primórdios, Rogério Pereira afirma que a ideia da publicação é tecer um amplo painel da literatura brasileira. Por esse motivo, segundo Pereira, há sempre no periódico espaço para autores que não provenham de editores grandes e que estejam fora do eixo Rio de Janeiro e São Paulo.

Embora possa se perceber no *Rascunho* o desejo de traçar um panorama da produção literária no país, é preciso observar que ainda há no jornal características que dificultam que essa vontade se concretize. Como se pode observar, sobretudo no capítulo anterior deste trabalho, na apresentação de dados colhidos das edições analisadas, alguns aspectos são problemáticos no sentido de, de fato, representar toda a produção da literatura brasileira contemporânea.

Antes de explicitar especificamente porque, segundo os dados analisados, *Rascunho* não consegue fugir da concentração nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, é preciso observar que essa é uma característica geral da produção e do mercado literário brasileiro desde o princípio. Em *O livro no Brasil: sua história*, o historiador Laurence Hallewell (2005) aponta para essa concentração:

Apesar dos quatrocentos quilômetros que os separam, a produção editorial desses dois centros editoriais está de tal modo interligada que um apreciável número de livros editados no Rio é impresso em São Paulo, e vice-versa. Os dois juntos são responsáveis pela esmagadora maioria dos livros produzidos no Brasil (HALLEWELL, Laurence, 2005)

De volta ao *Rascunho*, os capítulos anteriores demonstram que a maior parte das resenhas publicadas no jornal está, sim, voltada a autores do eixo Rio-São Paulo. O predomínio da região é notável em praticamente todas as cinco edições. O espaço para autores de outras regiões é bastante reduzido se comparado ao que é reservado para paulistas e cariocas.

Mesmo quanto a editoras, em que se nota maior equilíbrio entre grandes casas editoriais e pequenas, a concentração por região também se pode notar, o que reflete as observações de Hallewell (2005).

O que representa, nesse contexto, é que o *Rascunho* ainda não consegue, seja por limitações próprias ou por condições do mercado editorial brasileiro, livrar-se de fazer um painel da literatura brasileira recortado por esses dois grandes estados. Embora não se possa negar que exista uma tentativa de apresentar mais vozes do que se pode ver comumente entre grandes jornais e outras publicações, é muito forte a marca de autores dessas regiões.

De certa forma, é possível concluir que, ao não conseguir fugir de maneira mais forte dessas condições, o *Rascunho* perde a oportunidade de cumprir estritamente ao que se propõe de tecer um amplo painel da literatura brasileira, como queria o editor Rogério Pereira.

3.1.2. Romance

Outra característica presente no mercado editorial brasileiro que se reproduz no *Rascunho* é o predomínio do gênero romance. Essa característica se apresenta não só na maioria de livros publicados pelas editoras como também em alguns concursos importantes que se limitam a analisar romances. O Prêmio São Paulo de Literatura, por exemplo, aceita inscrições apenas de obras do gênero.

O capítulo anterior também aponta que nas edições do jornal analisadas nesta monografia há sempre número maior de romances resenhados do que livros de outros gêneros, o que reflete a condição dominante no meio literário. Mais um ponto, então, que impede de se conseguir um amplo painel, uma vez que o painel da literatura brasileira publicada no *Rascunho* é dependente dessas condições de mercado.

Aliado a isso, segundo o editor Rogério Pereira, apesar de o jornal ter seção de inéditos, não tem grande importância em descobrir ou lançar novos autores. O papel da publicação seria mais de consolidar ou confirmar a qualidade de um novo escritor:

O *Rascunho* concede espaço para muitos novos autores (tanto inéditos, como em início de carreira). Mas acredito que as mídias sociais, por exemplo, têm um papel muito mais relevante na divulgação de novos autores. O *Rascunho* seria algo mais para "comprovar" a qualidade de determinado autor.

Essa ausência de apostas e de arrojo na descoberta de novos nomes torna mais forte a ideia de que o panorama apresentado pelo *Rascunho* não consegue se desvencilhar de uma ideia já pré-determinada por editoras, academia e grandes jornais do que seria a literatura brasileira.

O maior risco, nesse sentido, é de não se diferenciar das publicações de grande circulação destinadas à cultura e à literatura. Ao não conseguir fugir do painel já apresentado o jornal pode perder força e levar o leitor a questionar por quais motivos deve lê-lo no lugar de outras publicações. É nesse ponto que características específicas e fortes de uma publicação especificamente voltada para a literatura entram em cena para justificar e chancelar o jornal, como as próximas seções explicitarão.

3.2. Especificidades

3.2.1. Clareza, profundidade, tempo, espaço

Em *Literatura nos Jornais — A crítica literária dos rodapés às resenhas*, Cláudia Nina (2007) afirma que a crítica literária hoje se encontra em dois polos: academia e meios de comunicação. Segundo a autora, há nas universidades uma tendência a especialização do discurso crítico, enquanto no jornalismo acontece um movimento de simplificação da linguagem. Segundo Nina:

Enquanto os pesquisadores das universidades mergulham fundo nas obras e nos autores canônicos, os jornalistas e resenhistas, seja por falta de tempo, preparo ou espaço, fazem voos rasantes (NINA, 2007)

Por algumas características, a análise realizada neste trabalho leva a concluir que *Rascunho* pode se colocar entre as duas abordagens. Embora não seja tão especializado e, em alguns casos, tão extenso quanto a crítica publicada nas universidades, o periódico também não se prende a simplificações e ao espaço curto que muitas vezes aparecem no jornalismo.

Está aí, pois, uma das grandes diferenças de ser uma publicação especializada. O tempo de um jornal mensal é diferente e mais dilatado do que dos diários, assim como o espaço disponível em uma publicação com essa característica também é maior.

Não necessariamente um texto maior é melhor, mas há momentos em que o tamanho premido reservado à crítica impede, como aponta Nina, que o voo do resenhista ou do crítico seja maior. Por esse motivo, resenhas publicadas no *Rascunho* podem se deter mais nos temas abordados nos livros e nas questões existentes neles do que nos grandes jornais. O espaço maior permite que o crítico não se prenda, não se limite por conta da extensão.

O tempo, como apontado acima, é outro fator importante. Nos meios de comunicação diários, muitas vezes o jornalista precisa cumprir diversas pautas em tempo curto motivados pela necessidade de se fechar todos os dias um caderno, um jornal. Quando a publicação é mensal, não há dúvidas de que o tempo para a produção, mesmo que também limitado, pode ser muito maior. Esse tempo pode significar que a leitura do livro seja mais demorada, que o tempo de reflexão seja

maior e, conseqüentemente, possa se fugir de uma leitura apressada e superficial. É claro que nem sempre acontece assim porque existem outras variáveis no processo, como o preparo de quem escreve o texto e mesmo a maneira como trabalha o resenhista. No entanto, parece positiva a possibilidade de se ter mais espaço, mais tempo para se preparar e para analisar uma obra.

Segundo Nina, o grande desafio da crítica estaria em “conciliar uma reflexão aprofundada sobre o tema com objetividade e clareza”. *Rascunho* por ter mais tempo e mais espaço que jornais diários de grande circulação permite que a reflexão seja aprofundada, no que se aproxima do texto acadêmico. Apesar disso, por ser um jornal, segue, obviamente, regras jornalísticas e prima pela clareza e pela objetividade distinguindo-se do tom obscuro que a crítica produzida pela academia pode ter.

O crítico Luiz Costa Lima defende que a boa crítica literária na atualidade não está nos veículos de grande circulação e sim nos que circulam pouco. No artigo *O que chamamos de crítica literária* (2003), afirma que uma das justificativas para o empobrecimento da crítica é o fato de se alegar que o leitor não tem tempo para coisas complicadas.

Nesse ponto está outra diferença de uma publicação especializada. O leitor não está ali à procura de superficialidades, se lê um jornal dedicado exclusivamente à literatura é porque tem alguma afinidade com o tema, ao menos. É, em geral, um leitor mais exigente e a alegação de que não teria tempo ou disposição para coisas mais complexas se esvazia nesse caso e permite o aprofundamento.

3.2.2. Polêmicas

Também em *Literatura nos Jornais — A crítica literária dos rodapés às resenhas*, Cláudia Nina dedica um dos capítulos ao que chama de “esvaziamento das polêmicas” nos cadernos e suplementos literários. Segundo a autora, são poucas as resenhadas publicadas de fato críticas e “há muita complacência, consenso e superficialidade” (NINA, 2007). Portanto, para Nina:

Com isso, surge outro problema: o esvaziamento das polêmicas. É raro ver um crítico, seja ele jornalista ou acadêmico, criando algum tipo de discussão no ambiente intelectual e literário. A crítica está morna e acomodada. Falta o debate das ideias.

Segundo o editor do *Rascunho* Rogério Pereira, as polêmicas fazem parte do DNA do periódico. Pereira diz que elas foram utilizadas no início como parte de uma estratégia para chamar a atenção e fazer *Rascunho* mais notado, por esse motivo ganhavam bastante ênfase.

Com o passar do tempo, *Rascunho* ganhou destaque e deixou de dar tanto foco às polêmicas que estavam publicadas no jornal. No entanto, textos críticos e negativos não deixaram de ter presença na publicação. De acordo com Pereira, elas são naturais:

Ainda temos polêmicas, textos "pesados", críticas "ferozes". A questão é que não precisamos mais valorizar tanto as polêmicas. Já somos um jornal consolidado. O leitor do *Rascunho* não estranha quando publicamos críticas muito negativas. Elas fazem parte do DNA do jornal. Então, é tudo muito natural.

Rascunho apresenta como forte característica a possibilidade de ser um texto crítico que fuja da tríade “complacência, consenso e superficialidade” apontada por Cláudia Nina (2007). Um livro que tenha sido elogiado por todos os cadernos literários pode receber crítica negativa no *Rascunho*. Isso não quer dizer que o que se publica no jornal curitibano tem valor maior, mas é importante que existam vozes destoantes.

Para ficar em um exemplo recente e já apresentado neste trabalho, o ensaio publicado questionando a qualidade da obra do poeta Paulo Leminski é um caso em

que *Rascunho* ousou criticar um autor chancelado e, em geral, bastante elogiado pela crítica brasileira.

Nesse caso, outra observação importante é que o questionamento vem também dentro de um contexto de fenômeno de vendas de uma grande editora. Publicado pela Companhia das Letras, *Toda Poesia* se tornou best-seller, criticar Leminski duramente pode representar certa independência em relação ao mercado (com as ressalvas feitas em seções anteriores) e aos interesses puramente mercadológicos.

Rascunho se apresenta, portanto, como um espaço em que a unanimidade pode ser questionada. É nesse questionamento, na polêmica e na diferença que reside a possibilidade de uma reflexão maior — unindo análises distintas, positivas e negativas — em busca de evoluir.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois do estudo das cinco edições selecionadas e da análise delas, neste trabalho conclui-se que, sim, é possível existir um jornal dedicado apenas à cobertura e à análise de temas literários. Observa-se aqui que o modelo empregado pelo jornal *Rascunho* é uma alternativa possível de veículo destinado a essa área

Esta análise do *Rascunho* traz a visão de que o periódico tem papel importante dentro desse contexto e que ele se apresenta como jornal de qualidade tratando de aspectos da literatura. Como era de se esperar, notou-se também que *Rascunho* apresenta algumas falhas e algumas questões foram levantadas para compreender de que modo o jornal se posiciona.

Dentro dos aspectos que foram tratados, está o fato de que *Rascunho* ainda se mantém, apesar de tentativas, ligado às definições do mercado editorial centrado em Rio de Janeiro e São Paulo e com espaço maior para autores renomados. Em que pese o fato de que não é possível fugir de algumas dessas determinações, um jornal desse porte poderia abrir espaço e o próprio olhar para a literatura produzida fora desse eixos dominantes.

Acredita-se, pois, que é possível que um veículo destinado à literatura se dedique também ao que existe fora desses eixos e das grandes editoras, cumprindo até um papel de descobridor de novos escritores ou mesmo de levar à luz autores esquecidos por veículos ou editoras de maior destaque. Existe literatura produzida fora dos principais centros, seria de importante que algum veículo de comunicação tomasse para si parte da missão de revelá-la.

Apesar dos problemas citados, de maneira geral a análise apresenta a possibilidade de se ter a literatura em primeiro plano, como protagonista. Ressalta-se aqui também que a produção do *Rascunho* e outras publicações à margem dos grandes veículos, como *Suplemento Pernambuco* e *Cândido*, representam um espaço vigoroso para o debate e a discussão de assuntos literários, culturais, às vezes esquecidos pela grande mídia.

Ademais, nota-se aqui que a especialização é um fator importante na maneira como esses jornais podem se estruturar. Maior tempo de produção e dedicação exclusiva à área, por exemplo, contribuem para que se tenha um conteúdo mais bem acabado e mais aprofundado do que se tem normalmente.

O espaço é também vantagem em um veículo especializado. Demonstramos aqui como a análise de uma mesma obra pode ter espaço consideravelmente menor em publicações que não são exclusivamente dedicadas à área. Esse espaço permite, muitas vezes, que o resenhista se detenha mais na reflexão sobre a obra e mesmo se explique de maneira detalhada.

De toda a pesquisa, fica a esperança de que veículos como *Rascunho* em que a literatura é tratada com destaque e com atenção sejam cada vez mais fortes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRESSAN, Flávio Flavio, Bressan . O Método do Estudo de Caso. Administração On Line Fecap, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 45-54, 2000.

CASTRO, Gustavo de. “A palavra compartilhada”. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex

COSTA LIMA, Luiz. O que chamamos de crítica literária? Veredas — Revista de Cultura do Banco do Brasil. jun. 2003, p.42.

HALLEWELL, Laurence. O Livro no Brasil — sua história. São Paulo: edusp, 2ª edição revista e ampliada, 2005.

LIMA, E.P.. Registros breves para uma história futura. 2003. Disponível em <http://www.abjl.org.br/detalhe.php?conteudo=fl20030902203904&category=ensaios&lang=>

LIMA, E. P. . Jornalismo e Literatura: Aproximações, Recuos e Fusões. 13. Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional, v. 13, p. 145-159, 2009.

MELO, José Marques de. A opinião no jornalismo brasileiro. Petrópolis: Vozes, 1994.

NINA, Cláudia. Literatura nos jornais: A crítica literária dos rodapés às resenhas. São Paulo: Summus, 2007.

PELLEGRINI, Domingos. A despeito de Leminski: Polaco oco ou Rascunho casmurro?, **Rascunho**, Curitiba, 2013.

PIZA, Daniel. Jornalismo Cultural. São Paulo: Contexto, 2011.

RABAÇA, C.A., **BARBOSA**, G. Dicionário de comunicação. Rio de Janeiro : Codecri, 1978.

RASCUNHO. Letras & Livros Ltda. Curitiba. Edição 110, 32 páginas, jun, 2009.

_____. Letras & Livros Ltda. Curitiba. Edição 122, 32 páginas, jun, 2010.

_____. Letras & Livros Ltda. Curitiba. Edição 134, 32 páginas, jun, 2011.

_____. Letras & Livros Ltda. Curitiba. Edição 146, 32 páginas, jun, 2012.

_____. Letras & Livros Ltda. Curitiba. Edição 158, 32 páginas, jun, 2013.

SANCHEZ, Mariana. Os dez anos de *Rascunho*. Disponível em: <http://www.orelhadolivro.com.br/2010/04/21/os-10-anos-de-rascunho/> Acesso em 10 de abril de 2014.

ANEXOS

Anexo A - Capa das edições analisadas

Fernando Monteiro • Quatro desenhos de Luciano Mota • 27

110 *rascunho*

JUNHO/11

O jornal de literatura do Brasil

curitiba, junho de 2009 • ano 10 • www.rascunho.com.br • próxima edição: 1° de julho • ESTA EDIÇÃO NÃO SEGUE O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO



No coração das trevas

Muito longe de ser panfletária, a obra de Mario Benedetti se insere na literatura de denúncia de atrocidades • 20/21



“O mundo da literatura parece muito charmoso, mas a verdade é que o jogo é muito duro e nem sempre leal, as recompensas são fugidias e as chances de fracasso estão todas contra você.”

SÉRGIO RODRIGUES

• 12/13



“A literatura não foi uma invenção dos escritores, gosto muito de enfatizar isso. Foi uma invenção humana.”

NÉLDA PIÑON

Paol Literário • 4/5

**INÉDITO:
LADRÃO DE
CADÁVERES**

Leia os dois primeiros capítulos do novo livro de Patrícia Melo • 27

**ROMANTISMO
CONTRA SI
PRÓPRIO**

Rodrigo Gurgel analisa LUCÍOLA, o melhor romance de José de Alencar • 12/13

EDIÇÃO

122

rascunho.com.br

rascunho

O jornal de literatura do Brasil



CURITIBA, JUNHO DE 2010 | ANO 10 | PRÓXIMA EDIÇÃO 2 DE JULHO | ESTA EDIÇÃO NÃO SEGUE O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO



“Não é que a literatura não sirva para nada. Ela serve para o que você quiser. Você não vai escrever um livro para que ele sirva para alguma coisa. Mas o leitor faz com o livro o que quiser.”

CAROLA SAAVEDRA • PAIOL LITERÁRIO • 4/5

GÊNIOS DISSECADOS

EDMUND WHITE E LOUIS
BEGLEY INVESTIGAM OS
MITOS DE RIMBAUD E KAFKA

• 20/21





DESDE
ABRIL DE 2000

rascunho.com.br

rascunho

EDIÇÃO
134

O jornal de literatura do Brasil

CURITIBA, JUNHO DE 2011 | PRÓXIMA EDIÇÃO 1º DE JULHO | ESTA EDIÇÃO NÃO SEGUIE O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

“
Acho que quem se expõe a um estímulo intelectual, emocional, artístico está dando a si mesmo uma chance de expansão da sua sensibilidade, da sua humanidade.”

JOÃO UBALDO RIBEIRO
PAIOL LITERÁRIO • 4/6



rascunho

EDIÇÃO
146

O jornal de literatura do Brasil

CURITIBA, JUNHO DE 2012 | www.rascunho.com.br | ESTA EDIÇÃO NÃO SEGUE O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

“

Eu leio para ter companhia e não me sentir tão só. Com alguns livros, tenho uma afinidade muito grande — sei bem do que o autor está falando. Isso me tranqüiliza.

MARIA CECÍLIA GOMES DOS REIS • 11/13

“

Faça um livro. Faça o melhor que você puder. Não vai fazer a melhor literatura, nem sempre tem capacidade pra isso. Mas o melhor que você puder é obrigação sua.

JAIME PRADO GOUVÊA
PAIOL LITERÁRIO • 4/5



ETERNIDADE CONQUISTADA

Aos 87 anos, Dalton Trevisan continua em plena forma criativa
• 20/21



DESDE ABRIL DE 2000

rascunho

O jornal de literatura do Brasil

 EDIÇÃO
158

 CURITIBA, JUNHO DE 2013 | www.rascunho.com.br | ESTA EDIÇÃO NÃO SEGUE O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO


A batalha de Flannery

Celebrada pelo apuro estético, grandiosidade de Flannery O'Connor reside na tensão existencial intrínseca a sua breve vida e obra • 20/21

“

Só se escreve a partir da morte, que retroage sobre nós, nos impulsiona e exige o trabalho de tornar a vida minimamente viável.”

WESLEY PERES • 4/5